

Cidades.

**Pró-Matre
pode ter
greve**

Funcionários do hospital se reúnem hoje para decidir se vão paralisar as atividades. Eles alegam salários atrasados há pelo menos três meses. **Página 9**

EDITORA:
ANDRÉA PIRAJÁ
apiraja@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8446
agazeta.com.br/cidades
gazetacidades

CRISE DA ÁGUA



Curso do Rio Jucu foi interrompido pela primeira vez em 30 anos

FERNANDO MADEIRA

SECA NO ESTADO TRÊS MUNICÍPIOS EM SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA

Cachoeiro, Alegre e Itapemirim têm problemas com estiagem

/// **VILMARA FERNANDES**
vfernandes@redgazeta.com.br

A estiagem que atinge o Estado e já provoca prejuízos importantes na agropecuária, levou três municípios a decretarem emergência: Cachoeiro, Alegre e Itapemirim. Nas demais cidades, onde também foram registradas perdas no campo, os sindicatos rurais estão sendo orientados a procurarem os prefeitos e pedirem a adoção da mesma estratégia.

A orientação é da Federação da Agricultura e Pecuária do Espírito Santo (Faes). Seu presidente, Júlio Rocha, destaca que “os produtores precisam se assegurar e a melhor providência é antecipar o decreto de emergência”. Ele se refere a renegociação dos

financiamentos, que podem não ser pagos em função da perda das lavouras.

De acordo com o engenheiro agrônomo da Faes, Murilo Pedroni, a estiagem já atinge 90% do Estado, sendo mais grave na Região Sul. A avaliação é pautada no relato dos sindicatos rurais capixabas, que se reuniram ontem. “O Sul está sendo fortemente afetado, até por ser uma região onde há poucos adeptos à irrigação”, observa.

Já há cidades, segundo Pedroni, onde além dos problemas decorrentes da falta de água, sofrem ainda com a falta de energia. “A energia no campo sempre foi precária, mas cidades como Marilândia já estão ficando sem energia”, relata.

— **“A situação do Rio Santa Maria da Vitória é grave. Só não secou por causa da barragem de Rio Bonito”**

— **EDUARDO PIGNATON**
Ambientalista

O ideal, na avaliação dos sindicatos, relata Pedroni, é que o Estado decretasse emergência. “Nas áreas urbanas o impacto é grande, mas o campo já está registrando perdas”, observa.

A decretação de emergência agiliza processos ad-

ministrativos municipais, permitindo às prefeituras ações mais rápidas como, por exemplo, a liberação de carros-pipa para produtores rurais ou a obtenção de recursos federais.

PERDAS

Em Itapemirim, segundo o secretário de Agricultura, Luciano Henriques, devido à seca, houve quebra na produção de cana-de-açúcar, leite, abacaxi, café, mandioca e feijão: “O município apresenta 50% de perda tanto na pecuária quanto na agricultura”, comenta.

Em Cachoeiro, segundo o prefeito Carlos Castiglione, mais de 600 propriedades sofrem com a seca. Houve perda de lavouras inteiras e córregos

Governador se reúne com prefeitos

/// **Prefeitos de vários municípios, incluindo os da Grande Vitória, se reúnem na manhã de hoje com o governador Paulo Hartung na Residência Oficial, em Vila Velha. Em pauta as dificuldades causadas pela estiagem que atinge o Estado. De**

acordo com a assessoria de imprensa do gabinete do governador, será apresentado a eles um balanço da situação. Alguns prefeitos anteciparam que esperam receber apoio do governo para enfrentar o cenário de dificuldades.

secaram. Não é diferente em Alegre. Em Guaçuí, desde o ano passado a prefeitura está notificando quem desperdiça água.

Na Grande Vitória, um exemplo dos estragos da seca está no leito do Rio Jucu. Em Caçaroca, Vila Velha, ele não consegue ultrapassar a barragem

feita pela Cesan, que aumentou a altura do dique para criar uma lagoa que permita o abastecimento.

“Pela primeira vez, em 30 anos, o curso do rio foi interrompido. Abaixo do dique não há água doce, só salgada, voltando do mar”, relata o ambientalista Eduardo Pignaton.

CRISE DA ÁGUA

ALERTA!

Cai nível dos rios que abastecem as cidades da Grande Vitória

Vazão, que era de 37%, ficou ainda menor nos últimos 10 dias. Cálculos serão concluídos hoje

/// VILMARA FERNANDES
vfernandes@redgazeta.com.br

Caiu o nível dos rios que abastecem a Grande Vitória – o Jucu, o Santa Maria da Vitória e o Benevente. Eles estavam com apenas 37% da vazão esperada para o mês de janeiro, um volume que diminuiu ainda mais nos últimos dez dias.

A informação é do diretor-presidente da Agência Estadual de Recursos Hídricos (Agerh), Robson Monteiro, cuja equipe concluiu hoje os cálculos sobre a queda da vazão. “Já sabemos que estão bem abaixo do esperado”, disse.

GUARAPARI

A situação é preocupante para toda a Grande Vitória, mas principalmente para Guarapari. O Rio Benevente vem dando suporte ao abastecimento da cidade, já que os rios que garantem água ao município – Jabuti e Conceição – estão no limite.

Segundo Monteiro, ainda há um limite no Benevente que vem sendo utilizado pela Cesan no abaste-

FONTE

3 rios

Garantem o abastecimento de água da Região Metropolitana: Jucu, Santa Maria da Vitória e Benevente.

cimento de Guarapari. “Mas sem sombra de dúvidas o Carnaval será com muitas dificuldades no abastecimento de algumas cidades. Não há espaço para desperdícios, como lavar calçadas e carros, principalmente em cidades como Guarapari”, destaca.

O cenário não é diferente de outras cidades, onde o governo decidiu lançar mão dos Termos de Ajustamento de Conduta com elas assinado. Dos 14 TACs assinados há 3 ou 4 anos, segundo Monteiro, três tiveram que ser acionados, afetado quatro cidades: Linhares, Itaguaçu, Itarana e Santa Teresa.

“São casos clássicos onde o abastecimento é comprometido pela irrigação”, explica Monteiro. Para evitar conflitos entre os usuários, vem sendo



Vassouras hidráulicas para lavar calçadas estão na mira da Prefeitura de Vitória

utilizado formas de rodízio, seguindo as regras estabelecidas em cada TAC.

Já na Grande Vitória, alguns prefeitos estão antecipando algumas medidas emergenciais de uso racional da água. Na Capital, o prefeito Luciano Re-

zende, dentre outras medidas, já prepara um projeto de lei que visa evitar o desperdício de água. Um dos alvos são as vassouras hidráulicas usadas para lavar calçadas e paredes. Rezende também vai criar um gabinete de gestão in-

tegrada ambiental, para acompanhar com mais eficiência as ações na área.

As demais prefeituras estão lançando mão de campanhas de conscientização ou estudando legislações que permitam a reutilização de água nas edificações.

Situação crítica em reservatório

/// O reservatório do Funil que fica em Itatiaia, no Sul Fluminense e de onde sai água para a usina hidrelétrica responsável por parte do abastecimento de energia do Espírito Santo, além do Rio de Janeiro e São Paulo atingiu no sábado o nível mais baixo da história.

De acordo com informações divulgadas pelo Jornal Hoje, da TV Globo, os últimos dados divulgados pelo Operador Nacional do Sistema Elétrico mostram que o volume do reservatório caiu para 3,49% de sua capacidade, o menor desde que ele começou a operar, em 1969. O nível da água está perto do chamado volume morto, em que o reservatório fica impossibilitado de gerar energia.

Segundo a Folha de São Paulo, cinco das dez maiores regiões metropolitanas já enfrentam problemas relacionados à crise hídrica: São Paulo, Belo Horizonte, Campinas, Recife e Rio de Janeiro.

LEVANTAMENTO



“Não sabemos quanto de água há no Espírito Santo. O planejamento dos recursos hídricos possibilitará que possamos obter essa informação”

EDMILSON COSTA TEIXEIRA
PROFESSOR DA UFES

Para especialistas, é preciso que haja planejamento

/// “Muita gente acha que água nasce na torneira”, diz o professor da Ufes Antônio Sérgio Ferreira Mendonça, doutor em Engenharia de Recursos Hídricos, para alertar sobre a necessidade de conscientização da população em relação à economia no uso da água.

Tanto ele quanto o também professor da Ufes Edmilson Costa Teixeira, doutor em Engenharia das Águas, alertam sobre a necessidade de planejamento nessa área, com contratações dos planos de Recursos Hídricos e das Bacias Hidrográficas do Espírito Santo.

Perguntado se há risco de escassez hídrica no Estado em larga escala, Edmilson Teixeira diz que, em re-

lação à Grande Vitória, os planos de recursos hídricos das bacias dos rios Santa Maria da Vitória e Jucu – que abastecem a Grande Vitória –, em fase de elaboração, apontam, para os próximos 20 anos, que para a maior parte dos usos (agrícola, industrial, etc.) a situação não é crítica.

“Mas, para o abastecimento público, não parece tão confortável. Para reverter essa situação, há a necessidade de se aliar à ampliação da reserva hídrica outras medidas voltadas para a melhoria do manejo da água para vários fins urbanos e rurais”, diz ele.

PROCISSÃO

Antônio Sergio Mendon-

ça lembra que o fenômeno de escassez de água é cíclico. “Em 1769, houve procissão para pedir chuva, e em 1839 o Estado pediu socorro ao imperador”, destaca. Mas lembra que o problema vem tendo seus efeitos agravados justamente pela falta de planejamento.

“Abastecimento de água se planeja com 20 anos de antecedência. Fala-se na previsão de mais quatro anos de chuva abaixo da média. É preciso prevenção. Se continuar a seca, qual é o plano B?”, pergunta ele.

Mendonça lembra ainda que, aliadas às medidas de governo, há outras decorrentes da conscientização da própria população usuária da água. (Claudia Feliz)

ALGUMAS MEDIDAS

Reflorestamento

▼ Subsolo

O desmatamento interfere na retenção da água no subsolo. É preciso reflorestar as bacias hidrográficas, para que durante o período de estiagem haja água disponível para uso no subsolo, podendo ser extraída com abertura de poços artesianos.

Consumo

▼ Conscientização

A população tem que ser conscientizada para evitar o uso excessivo de água.

Reúso

▼ Água servida

Mesmo em casa, é possível adotar, com água servida do tanque, por exemplo, medidas de reúso, já adotadas por muitas indústrias.

Reciclagem

▼ Da chuva

Uma medida que pode resultar em economia no bolso é armazenar e aproveitar a água da chuva para usos como lavagem de calçadas e irrigação de plantas.

Planejamento

▼ Planos

Especialistas destacam a necessidade de serem elaborados os planos de Bacias Hidrográficas e de Recursos Hídricos do Espírito Santo, para que sejam definidas ações relacionadas ao abastecimento e uso da água, dentro de uma política para o setor.

Fontes: Antônio Sérgio Ferreira Mendonça e Edmilson Costa Teixeira, professores doutores da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

CRISE DA ÁGUA

CAMPO PEDE AJUDA

Agricultura precisa de ações para conter seca

Governo e produtores vão criar plano sobre uso e preservação da água para enfrentar estiagens

MIKAELLA CAMPOS
mikaella.campos@redgazeta.com.br

A seca, uma das mais graves da história do Espírito Santo, traz à tona as necessidades de medidas preventivas para deixar o setor agrícola menos refém de impactos climáticos.

Em todo o mundo, o segmento é responsável pelo uso de 70% da água consumida, apesar de ainda não adotar de forma expressiva técnicas para a criação de reservatórios para os períodos de escassez.

No Espírito Santo, esse cenário se repete fazendo com que o agronegócio seja sempre vulnerável aos efeitos do tempo.

Aqui no Estado, a área já vem sofrendo com as questões hídricas desde dezembro de 2013, quando fortes chuvas atingiram o Estado, provocando inundações em diversos municípios.

Como boa parte dessa água foi perdida, e sem se recuperar dos danos provocados pelas enchentes, os produtores rurais amargam um novo prejuízo causado, dessa vez, pela estiagem prolongada.

Um ano depois do desastre ambiental de 2013, houve apenas chuvas esporádicas e sem volume para manter uma reserva ideal para a

sobrevivência no campo.

Limitado pela topografia, o Estado tem dois terços da área cultivável longe dos recursos hídricos, tornando-a ainda mais dependente de chuvas. Faltam barragens e outros modelos de armazenamento de água para a irrigação, por exemplo.

O cenário atual, inclusive, faz com que o Estado e municípios se movimentem atrás de ações para socorrer produtores rurais e evitar a perda do rebanho e das lavouras de vários tipos de cultura.

De forma emergencial, a Secretaria de Estado de Agricultura (Seag) começou a recomendar os pecuaristas a antecipação do abate dos animais. Além disso, um trabalho em conjunto com as prefeituras das cidades com estado mais crítico tem sido realizado para levar água, com carros-pipa, às plantações e ao gado.

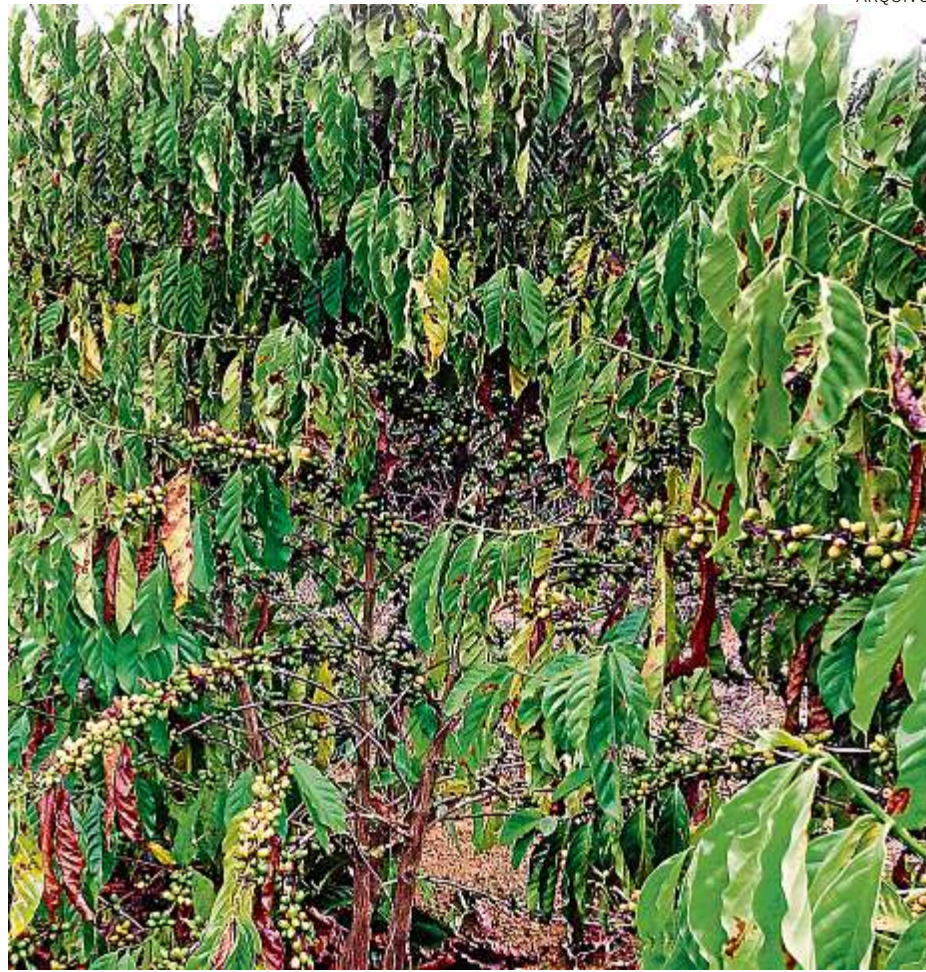
Ontem, a Seag fez uma

reunião com produtores rurais e representantes de entidades governamentais ligadas ao setor de agronegócio para iniciar o debate para a construção do terceiro plano estratégico do setor.

No projeto, que já tem um texto-base pronto, o problema hídrico será tratado com prioridade, seguindo o secretário de Agricultura, Otaciano Neto. Ele explica que o projeto, que deve ganhar mais forma até março, tratará o assunto água em três dimensões: ampliação da cobertura florestal e recuperação de nascentes; segurança hídrica, com a construção de barragens para preservar água de períodos de chuvas abundantes; a terceira linha é o manejo.

“Os agricultores terão que aprender maneiras de lidar com o solo, água e plantas. Será necessário o uso de tecnologia para poupar água. Uma das técnicas será a de irrigação, com o uso de caixas secas, que leva a água para lençol freático e evita a erosão do solo”, explica.

O senador Ricardo Ferreira, que participou da reunião, disse que é preciso criar um diagnóstico para saber quais os investimentos necessários para que o Estado comece a armazenar água o suficiente para sobreviver aos períodos de seca.



Por causa da seca, grãos de café não estão se desenvolvendo com vigor nos pés

Ministra promete baixar dívidas de proprietários

Além da crise hídrica que castiga capitais como São Paulo, o governo federal, agora, tenta recorrer a paliativos para contornar, também, os prejuízos da seca no campo. Em reunião ontem com entidades do setor no Ministério da Agricultura, a ministra Kátia Abreu (PMDB-TO) afirmou que, de imediato, o que o governo federal pode fazer é renegociar dívidas de cafeicultores e produtores rurais de todo o país.

Kátia está tratando dessa amortização com os mi-

nistérios da Fazenda e o Planejamento, responsáveis pela tesourada no orçamento da União nesse ano de arrocho na economia. Único deputado federal convidado para a reunião, o capixaba eleito Evair de Melo (PV) entregou nas mãos da ministra um relatório das perdas milionárias causadas pela estiagem prolongada nas lavouras e na economia do Espírito Santo.

Kátia, porém, não anunciou nenhum plano emergencial. “O Executivo federal tem pouco a fa-

zer agora. A médio e longo prazos, tem que fazer barragens e outras obras”, diz Evair. Nessa primeira plenária para se aproximar dos diversos segmentos produtivos do agronegócio, a ministra reuniu entidades como a Confederação Nacional da Agricultura (CNA), da qual foi presidente. “Participei porque tenho atuação específica no café há 25 anos. Sou degustador profissional, presidi o Incaper e vou trabalhar pelo setor na Câmara”, diz o parlamentar.

NA SECA

40 mil

barragens

Esse é o número de barragens construídas no Estado para ajudar os produtores no período de seca. Dessas, só 2 mil têm licenciamento ambiental.

Estiagem reduz produção de conilon em 20%

Carro-chefe da economia agrícola capixaba, o café conilon tem sido a cultura mais atingida pela seca. Com algumas regiões sem chuva há mais de 40 dias, os produtores preveem, para este ano, uma safra 20% menor do que a colheita passada. Isso significa perda de R\$ 960 milhões, segundo projeções da Seag.

Segundo o engenheiro agrônomo da Federação da Agricultura, Murilo Pedroni,

os prejuízos são piores do que os apontados pelo governo. “Se não chover até fevereiro, 50% da safra do café está condenada. Isso deve acontecer especialmente no Sul, onde é menor número de áreas irrigadas”, disse.

Diante da seca, agricultores que contam com café estocado estão evitando vender o produto, pois esperam que o preço da saca tenha melhora significativa nos próximos dias. “O pro-

dutor que tem mais folga financeira está segurando o quanto pode”, explica o presidente do Centro de Comércio de Café de Vitória, Jorge Luiz Nicchio.

Os compradores, completa Nicchio, já enfrentam dificuldade para encontrar café no mercado. Isso fez com que, em poucos dias, o valor da saca saltasse de R\$ 265 para R\$ 280. “O produtor sabe que a produção vai cair e quer guardar o café pa-

ra poder jogar com o preço. O valor psicológico já é de R\$ 300 a saca”, afirma Nicchio.

Segundo o pesquisador do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) e coordenador do programa estadual de cafeicultura, Romário Gava Ferrão, o Estado tem enfrentado altas temperaturas e a insolação, o que leva ao estresse da planta.

Como mais da metade do conilon plantado no Estado

é irrigado, e os reservatórios baixaram muito, os produtores não têm disponibilizado a quantidade de água exigida pela planta. Soma-se ao problema o fato de o período de seca ter coincido com a fase em que a planta mais depende de água para encher os grãos. “Essa situação pode provocar o chochamento do café e a formação de grãos menores, com menor peso”, frisa Ferrão.

Na primeira estimativa

de safra da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), com base em dados de novembro e dezembro de 2014, estimou-se perda de 10% a 15%. No entanto, como a seca persistiu em janeiro, a projeção da Conab ficou “defasada”, diz Nicchio. A produção capixaba de conilon em 2014 foi recorde, de 9,9 milhões de sacas. Para 2015, a Conab previa 8,5 milhões de sacas, mas a seca prolongada deverá provocar uma perda maior, cerca de 2 milhões de sacas a menos. (Patrik Camporez)